

A Coruja carola

Esta é uma história do arco da velha torre da igreja; velhíssimo arco carcomido pelos carunchos do tempo. No claustro da tal igrejota, apenas com suas penas e a bela vista do campanário, uma velhota Coruja carola, devota de todos os santos.

Dedicada como só uma Coruja carola é capaz, a todos guardava com desvelo; caso tivesse penosa missão de votar, obrigada a escolher um só santinho de sua predileção, não saberia a quem sufragar... Votaria em branco, pra desencanto de São Benedito e da Aparecida Nossa Senhora. “Livrai-me, deusmeu, das garras aduncas de tal incumbência”, rogava.

Ela, Coruja carola virgem pura imaculada, julgava-se esposa do Cristo. De seus olhos saíam chamas de ouro, raios de glória, dádivas do Santo Espírito.

Isso à noite, claro, quando velas, candelabros, tudo apagado; aceso, apenas seu dom de ascese e clarividências: a luz suprema de sua auréola na candidez do silêncio virgem puro imaculado.

Desnecessário dizer que beber só bebia água benta e comer, só hóstia sagrada; assim, sedenta e faminta observância.

Às vezes, assustada com a vozeria das ladainhas, acordava, espiava o púlpito; algum pastor exaltado, expiando, pregava lábias aos fiéis cães, pombos, macacos, escaravelhos, ovelhas ordenadas ordenadas e demais animais papa-missas, gaviões, gazelas e águias. Não fosse ave avatar noturna exegeta esteta das trevas, tripudiaria feito isso e feitiço; mau-olhado e mandinga.

“Associam-me à morte, sei, nasci cresci estigmatizada: mau augúrio, emblema de feiúra, reputação de ladra e toda a lenga-lenga dissimulada simbologia; sabem da missa a metade; ave-do-paraíso, medito avezada à marmórea clausura.

Assaz, abro as asas, voo de fé sobre o cemitério inebriado em silêncios de mistério e morte: exumo ossuário; rosário perfeito de dentes humanos.”

A lua, mítica lua, fecundava a noite orvalhada. O vento, humilde vento, dobrava o sisudo sino, sons diminutos dissonantes, doce liturgia suave.

Embriagada de luz, revoava feliz, ressurgia exultante em seu templo tempo. Noite pós noite, orgia suave cheia de graça; sua vontadeurgia suave. Sabia de cor: seu coração relicário era o seu deus.